

THAINAN CASTRO

THAINAN CASTRO

POR CHRISTIANE LACLAU

Desde a infância que o desenho é parte importante da compreensão de mundo de Thainan. O prazer espontâneo nessa atividade fez com que, jovem, o artista buscasse se desenvolver com aulas de desenho e de aquarela. No entanto, um pensamento mais pragmático levou-o ao curso de Desenho Industrial na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em decorrência dessa vivência acadêmica, o conceito de estruturação de projetos foi incorporado a seu método de produção artística. Ele projeta e estuda os trabalhos antes de transpô-los para o suporte. Entende a obra como o resultado de pesquisa extensa e de compreensão total de uma ideia. Tudo é lapidado, à exaustão, em direção ao resultado, e não como simples concretização de um impulso criativo.

Um acidente no slackline, aos vinte anos de idade, em decorrência da perda de equilíbrio na corda-bamba, levou-o a uma queda de quatro metros de altura, na qual fraturou três vértebras cervicais. Recebeu, inicialmente, o prognóstico de paralisia corporal irreversível do pescoço para baixo. Todavia, essa foi apenas uma estação trágica na Jornada do Herói do artista, que encontrou, no processo fisioterapêutico de recuperação, a redenção do corpo e a inspiração para a temática de sua obra.

O constante exercício mental, aos poucos, manifestou-se em sutis espasmos musculares. Com a evolução, o desenho se integrou ao método terapêutico e de cura. Rabiscava para frente e para trás, para um lado e para o outro, ainda sem conseguir segurar a caneta. Então, percebeu que podia criar tramas, com claros e escuros, e iniciou uma pesquisa sobre as possibilidades de expressão artística dentro dessas limitações.

“Onde eu consigo chegar com a destreza que tenho? Qual detalhe eu consigo fazer com esse tipo de movimento?” O questionamento fez com que buscasse cada pormenor, cada pequenina parte. Constatou, nesse momento, que sua movimentação melhorava na mesma proporção em que conseguia chegar nas minúcias com mais facilidade. Recuperou o arco dos movimentos aos poucos e, na mesma medida em que ampliava o alcance do gesto, passou a usar papéis maiores.

A terapia ocupacional e a fisioterapia permaneceram incorporadas a seu processo criativo. A movimentação, durante a elaboração de um trabalho, está inserida na repetição, no ir e vir e na criação de infinitas camadas de expressão e de percepção.

Ao fim de um ano e meio, Thainan conquistou a surpreendente recuperação de 90% dos movimentos corporais. Retornou à faculdade, novamente o curso de Design, mas, dessa vez, optou por Comunicação Visual, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde buscou disciplinas que tinham relação com o desenvolvimento do traço.

Durante os anos de formação acadêmica, trabalhou, paralelamente, como assistente no ateliê do artista Mateu Velasco. Toda sua formação de estágio, exigência da faculdade, foi feita dentro do ateliê, e não na área de design. Isso foi enviesando seus objetivos originais, levando-o a pesquisar mais, trazendo-lhe um melhor entendimento do que viria a fazer na vida. Assim, o designer virou artista.

A Casa Voa, local que abriga uma série de ateliês no Rio de Janeiro, foi onde o artista montou seu primeiro local exclusivo para produção autoral. Focado em seu trabalho pessoal, ele revisitou seus processos e encontrou o norte por meio da compreensão de onde partia o gesto: da memória física e afetiva da infância na rua sem saída em Nova Iguaçu, onde subia em árvores, empinava pipas e jogava bola de gude.

Começou a observar melhor seus trajetos e o mobiliário urbano. Em seus caminhos, passou a desenhar recortes desses objetos, fora de seus contextos habituais. Fragmentos que representam lapsos temporais, minúsculos detalhes,

gestos, movimentos e objetos dentro de vazios, que representam os vazios que nos preenchem, e que preenchemos com nossas próprias memórias e vivências. Esses trabalhos deixam pistas muito particulares para as pessoas, permitindo-lhes sobrepor suas individualidades, recriando suas próprias situações. O processo fica explícito na série que retrata postes, escadas de piscinas e objetos de rua. Registros assemelhados a fotos instantâneas, de momentos anônimos, atemporais e descontextualizados, que se desdobram para os desenhos de crianças e de nadadoras.

A série das crianças tem origem nas histórias entreouvidas no lar, em variadas narrativas dos avós, dos pais e daquelas a respeito dele mesmo. Na investigação e recriação das histórias, no terreno da memória, ao transpor a cena para a tela, ele representa um único elemento dessa situação lembrada, isolando-o do acontecido, e esse é o ponto vital da obra. As figuras não são completamente preenchidas. Na maioria das vezes, o entorno não existe ou é meio borrado, quase falta alguma coisa. Como se fossem pequenos momentos de lembrança, quando recordamos o instante de algum acontecimento, ainda que tudo em volta esteja meio turvo.

Na série das nadadoras, Thainan Castro assume a postura de um observador, no limite do fôlego, para nos apresentar a imagem de corpos que voam, flutuam, pairam poeticamente no oceano do inconsciente coletivo. Braços e pernas que ferem a densidade líquida para sustentar as cabeças fora da água, no ar. Esses trabalhos são como reverberações da fisioterapia na água, quando o artista se viu envolto por um entorno tão cheio, que parecia um grande vazio, que o sustentava quando ele mesmo não podia. Há, portanto, a necessidade de mergulhar para buscar algum entendimento dentro desses vazios, que são profundos e cheios de elementos e de camadas. São, também, como uma folha em branco: é como se nada houvesse ali, porém, simultaneamente, existe a possibilidade de muitos acontecimentos.